

# RELIGIÕES AFRICANAS

**Africanas, Religiões**, conjunto de cultos trazidos pelos escravos e que, no Brasil, ganharam novos aspectos (ver Ritos afro-brasileiros). A convivência, nas senzalas, entre indivíduos de diferentes nações africanas fez com que os negros influenciassem uns aos outros, alterando hábitos e substituindo mitos, permitindo, assim, que cultos mais definidos absorvessem os menos desenvolvidos. Também a convivência destes escravos com os mitos indígenas e a religião católica de seus senhores, ajudou a criar uma cosmologia tipicamente brasileira, representada pelos vários ritos africanos ainda hoje praticados no Brasil. O mais importante fenômeno de aculturação foi o sincretismo das santos da Igreja Católica. Assim, Iansã é Santa Bárbara; Oxalá, o Senhor do Bonfim ou Cristo e Ogum é São Jorge, apesar de que estas correspondências variem de região para região. A partir do século XIX, os cultos africanos começaram a conviver com o espiritismo francês, kardecista, religião que tem pontos em comum com as africanas. O variado conjunto de religiões africanas no Brasil atual vai desde um máximo de fidelidade às raízes tradicionais — como acontece em alguns terreiros do candomblé baiano, entre eles, o Gantois — até um máximo de adaptação e mistura com o cristianismo, o kardecismo e a cosmologia indígena. Pode-se apontar o candomblé jeje e ketu como o mais tradicional, seguidos pelos de tradição angolana e do Congo, que se apropriaram das divindades nagôs. Mais modificado do que estes são o candomblé de caboclo, onde já surgem entidades ligadas aos cultos ameríndios. Ainda mais adaptada é a umbanda e a quimbanda, onde se fundem elementos africanos, espíritas, indígenas e católicos. A umbanda, por usar orações cristãs (ver Cristianismo), é o culto de origem africana que mais se aproxima do kardecismo.<sup>1</sup>

A religião malgache é caracterizada por um marcante culto aos mortos. A fotografia mostra entalhes em madeira sobre um túmulo, no sudoeste de Madagascar. Alguns têm motivos tradicionais enquanto outros, como o aviãozinho da direita, refletem o mundo contemporâneo.

John R. Jones/Papilio/Corbis<sup>2</sup>

**Ritos afro-brasileiros**, ritos praticados por cerca de 280 etnias diferentes de escravos a quem o colonizador português chamava, genericamente, de "guiné". O sincretismo das religiões destas etnias com o cristianismo e as religiões anímicas nativas originaram as religiões e os ritos afro-brasileiros. Entre elas, a umbanda, o candomblé, o vodú — religião dos negros fons, sobrevivente no estado do Maranhão — e a quimbanda.

A religião negra que mais sobreviveu no Brasil foi o candomblé, dos negros iorubas das regiões Nordeste e Sudeste do país. O candomblé usa um ritual de iniciação que envolve desde banho em água abençoada até o *sundido*, um banho de sangue de animal especialmente morto para esta ocasião. Durante uma sessão de candomblé, na invocação dos orixás (ou santos), há um ritual de dramatização dos mitos da cosmogonia africana. Os filhos de santo reinterpretam as lutas dos irmãos Ogum e Xangô pelo amor de Oxum, a viagem de Oxalufon ao encontro de seu filho Xangô e o ritual da água de Oxalá, festa que marca o início do ano litúrgico.

No candomblé existem, também, os ritos de iniciação, isto é, de recepção aos novos membros. Recolhidos por 21 dias no "roncó" — na companhia apenas de outros iniciantes ou "irmãos de barco" —, os neófitos aprendem a dançar, lidar com o transe e os gestos e posturas de um orixá. Acreditam ficar em estado de inconsciência, o "erê", que é o caminho entre o homem e a divindade. O fim da iniciação é marcado pela comunicação solene do nome pelo qual o orixá quer ser

---

1

2

tratado. Após um ano, renovam-se as obrigações para o “assentamento” do segundo orixá (“juntó”). Cinco anos depois, novas obrigações põem fim à iniciação.<sup>3</sup>